

A Faculdade de Medicina da Bahia na Década de 1930

Ib Gatto Falcão*

Faço parte da turma de estudantes alagoanos que veio estudar na Faculdade de Medicina da Bahia na década de 1930.

Este depoimento livre, sem cotejo com dados documentais, quer registrar o que representou, na Bahia da época, a turma que colou grau em 1936, há setenta anos.

Inicialmente, devo dizer as razões porque escolhi estudar e ser diplomado em Medicina.

Meu curso secundário foi iniciado no Colégio Diocesano, em Maceió, nos dois primeiros anos, e concluído no Liceu Alagoano. Como bom aluno, fui agraciado com o Prêmio Adolf Aschoff.

Em paralelo ao curso secundário, estudei História Natural com o Professor Ezequias da Rocha, depois Senador da República. Médico, ele não lecionou História Natural propriamente dita, mas voltou-se para a Fisiologia, de modo que as nossas aulas foram do aparelho digestivo, do aparelho respiratório, do sistema nervoso e assim por diante. Isto determinou, da minha parte, uma simpatia para com um assunto que eu ignorava totalmente, daí a razão porque me decidi pelo estudo de Medicina, contrariando as normas de toda a família, que desejava que eu me tornasse bacharel em Direito, como fora meu pai, falecido quando eu tinha um ano de idade. Ademais, havia um fato

simbólico: meu pai deixara um anel de rubi em casa e a minha mãe esperava transferi-lo para mim, o que representou um aspecto sentimental muito difícil de superar. Mas prevaleceu a minha simpatia pelo estudo do homem e da sua formação natural.

Escrevi, então, numa ousadia para um menino de quinze anos, uma carta à Faculdade de Medicina da Bahia, pedindo um programa do vestibular. Recebi, no retorno, um folheto e criou-se um problema para o aluno do Liceu da província: nós não tínhamos, aqui, as normas práticas necessárias para enfrentar um vestibular numa faculdade de medicina.

Havia, na Maceió de então, o Professor Teonilo Gama, que fez carreira como docente, farmacêutico por formação e que era o preparador de História Natural da Escola Normal, morando defronte da instituição. Falei com ele e, então, foi muito gentil, porquanto, pude frequentar a Escola Normal, durante todo o mês de dezembro, às seis horas da manhã, ainda fechada ao expediente, para estudar as práticas de História Natural e enfrentar o vestibular.

Em janeiro de 1930, transferi-me para Salvador. Fiz a viagem de navio. Hospedei-me numa pensão para estudantes, uma estrutura que eu não conhecia, na Rua do Hospício. Fui orientado a procurar o curso pré-vestibular do Professor Adolfo Diniz Gonçalves, bem recomendado, situado na rua vizinha, Democrata, no número 19.

Acostumado, em Maceió, estudando com meia dúzia de colegas, no Liceu, fiquei espantado com o grande número de jovens pretendendo uma vaga na Faculdade de Medicina da Bahia, oriundos de diversas cidades do Nordeste. Havia, também, alguns colegas alagoanos, que tornaram mais fáceis as condições de estudo e trabalho. Foram meus colegas de turma Waldemar da Graça Leite, Olavo Uchoa de Omena, Eduardo Machado, José Lima Nunes de Oliveira e outros.

Aconteceu um episódio interessante, que vale a pena registrar: um colega mais velho, já não era um

Recebido em 18/01/2007

Aceito em 25/03/2007

Endereço para correspondência: Prof. Ib Gatto Falcão, Rua Professor Graça Leite, nº 90, Edifício Nina, apart. 401, Bairro do Farol, 57052-520 Maceió, Alagoas. E-mail, a/c: lamartine.lima@terra.com.br.

*Antigo aluno da Faculdade de Medicina da Bahia; diplomado médico na turma de 1936 dessa escola superior; ex- Secretário de Estado e antigo dirigente de instituições públicas e privadas de Saúde em Alagoas; fundador das duas faculdades de Medicina da cidade de Maceió; antigo Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica dessas escolas superiores; atual Presidente da Academia Alagoana de Letras.

candidato a vestibular, mas um aluno de terceiro ou quarto ano, jogando futebol na rua, atirou a bola, que bateu no rosto da filha da dona da pensão e, em conseqüência, ela colocou-nos todos para fora da hospedaria. Este acontecimento, para mim, menino de quinze anos, sozinho, na cidade grande, ganhou contornos de grande dificuldade.

Transferimo-nos para uma outra pensão, comuniquei à minha família, consegui tranquiliza-la, e passei a fazer uma coisa da qual nada sabia: transação bancária. Em Maceió, havia alguma dificuldade para transferência dos recursos da mesada. Recebi, então, um cheque, que nunca tinha visto, com o valor das despesas do mês seguinte, a descontar no Banco Francês-Italiano. Fui ao estabelecimento bancário, o caixa perguntou-me se tinha algum endosso, disse que não tinha e fiquei sem receber o dinheiro, em situação difícil. Na nova pensão, o meu vizinho de quarto veio me perguntar se eu era rico. Questionei o por que da pergunta e ele, que trabalhava no banco, disse-me que havia uma quantia em meu nome. Expliquei-lhe meu problema e consegui, com sua ajuda, normalizar minha situação financeira.

Fiz o vestibular, os bons fados me ajudaram e consegui nota sete, disputando as vagas com mais de cem estudantes. Aprovado, matriculei-me e ingressei, em janeiro de 1930, no primeiro ano da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Os novos acadêmicos enfrentamos o célebre trote dos calouros, sem maiores aborrecimentos.

Somente no quinto ano do curso, após experiências em várias hospedarias, fizemos uma coisa que já era tradicional, a “república de estudantes”. Juntamos um grupo e alugamos um grande sobrado, na Rua Oscar Freire, nº 18, antigo Areal de Baixo, defronte da residência do futuro Ministro Aliomar Baleeiro, e ali moramos durante dois anos seguidos, até o final do sexto ano, gozando de muito prestígio na redondeza, ganhando até presentes da vizinhança.

Tive a primeira surpresa, que me reservava o ensino superior. A aula inicial era do Professor Álvaro Campos de Carvalho, catedrático de Física Biológica, como então se chamava a disciplina, considerado homem eminente, crítico de arte e literatura, conhecedor de

música, uma expressão da cultura, na Bahia. Ao entrar na sala de aula, reconheci o docente. É que o Governador de Alagoas, Pedro da Costa Rego, muito hábil, costumava, naquela época, trazer os seus diretores de Saúde de fora do Estado. Conseguiu, então, coloca-lo à disposição do seu governo, e trouxe da Bahia, o Professor Álvaro de Carvalho, para Diretor da Saúde Pública, e também nomeou-o Inspetor do Liceu Alagoano, um posto com um salário respeitável, para somar com o modesto ordenado de dirigente da repartição sanitária, cargos que exerceu durante alguns anos da década de vinte. Acontece que, então, eu era aluno do Liceu e tínhamos uma péssima impressão daquele inspetor, que chegava de roupas diferentes, como se fora um militar, de perneiras, muito autoritário, criando muitas dificuldades para os seus alunos.

Entretanto, na Faculdade de Medicina da Bahia, mostrou merecer seu superior conceito, dando-nos uma bela aula. Foi um grande contraste, pois em Maceió jamais dera importância à vida cultural da cidade; nunca participara de reuniões literárias, não procurara um órgão da Medicina. Na capital alagoana, ele morava na Avenida da Paz; pela manhã, o Doutor Álvaro ia ao bairro da Levada, fazer seu trabalho de saneamento, e freqüentava uma bodega, do senhor Guimarães, famosa em Maceió, onde havia, diariamente, às nove horas, uma solenidade do “hasteamento do caju”, que dava início à distribuição farta de aguardente. Diziam até que era a cachaça a responsável pelo autoritarismo do mestre.

A segunda aula que recebi na Faculdade seria de Parasitologia, do eminente Professor Manuel Augusto Pirajá da Silva, que era considerado nome internacional. Consegui, a duras penas, o clássico livro de Parasitologia de Brumpt, em francês, em que o capítulo de verminoses e esquistossomose era da sua autoria. Tive a sorte de ser vizinho do eminente mestre, sempre elegante, bem vestido, e que caminhava ao meu lado desde o Areal de Cima até São Pedro, onde passava o bonde, o que era uma maravilha, pois o professor, muito gentilmente, pagava os duzentos reis da minha passagem, permitindo-me comprar um chocolate, uma concessão admirável de um docente conceituado para com um jovem aluno iniciante e vindo das Alagoas.

A Anatomia representava um motivo de preocupação dos jovens que aspiravam a carreira de médico. Em seu aprendizado, as extensas descrições, as referências topográficas, as complexidades do sistema nervoso e as exigências dos Professores Rafael de Menezes Silva e Eduardo Diniz Gonçalves, eram dificuldades a transpor. O Professor Rafael Menezes, soubemos, ser muito exigente, sendo o número de aprovados mínimo em relação ao de frequentadores do curso. Passamos a ler o tratado de Testut, tanto quanto o de Testut e Latarget, em francês, com cinco volumes. Meu colega José Lima, oriundo do Seminário de Maceió, já residia em Salvador, pois era sobrinho do alagoano e catedrático de Medicina Legal, Professor Estácio Luís Valente de Lima, e tinha um cargo meio simbólico no Serviço Médico-Legal do Estado, que funcionava naquela cadeira, no Instituto Nina Rodrigues, dirigido por aquele professor e integrado à Faculdade de Medicina da Bahia. O Professor Estácio de Lima tinha um servente, Evaristo Leão Veloso, que não sabia francês nem falar direito o português, mas conhecia muito de dissecação do corpo humano, e falavam que havia trabalhado com o Professor Oscar Freire de Carvalho. Diziam, até, que ele já discutira a matéria com outros professores da cadeira. Conseguimos então, Olavo Omena, José Lima, Graça Leite e eu, além de um colega suíço-francês que nos acompanhava, Charles René Pitex, com o Professor Estácio, a autorização para, no “Nina Rodrigues”, usar o cadáver de um indigente, e fazer todas as práticas exigidas, devidamente orientados por Evaristo, a quem gratificamos com uma pequena gorjeta. Isto nos possibilitou passar com segurança nos exames de Anatomia.

Este fato acontecia, não apenas na Anatomia; em Parasitologia ocorria o mesmo. O Professor Pirajá da Silva tinha um mundo de lâminas, de todos os parasitas conhecidos; no exame, puxava uma delas e mandava-nos falar sobre o que ela exibia; as reprovações eram altas. Entretanto, tinha um bedel, o Saraiva, que conhecia de cor todas as lâminas; então, fizemos uma cota de cinco mil réis para aquele servidor, e entrávamos pelo “Nina Rodrigues”, porque a Faculdade fechava ao meio dia, e com ele estudávamos

as lâminas, exaustivamente, por cerca de duas horas, sem almoço. No exame, não havia mais dúvidas e as notas foram ótimas.

No segundo ano, também lecionava Anatomia o Professor Eduardo Diniz Gonçalves, que os estudantes, pelas costas, chamavam de “Biriba”; genioso mas bondoso, totalmente vinculado à Faculdade, era Senador Estadual. Ele soube de um confronto de estudantes com a polícia, no Teatro Guarani, e, ainda vestido com a bata branca usada na sala de aula, caminhou do Terreiro de Jesus até o Palácio do Governo, para protestar junto ao Governador. O desentendimento foi causado por uma quebra da tradição de que nas primeiras apresentações de um espetáculo, as normalistas não pagavam e os acadêmicos pagavam a metade. Numa apresentação do, na época, famoso artista Raul Roulian esta tradição não foi mantida e a revolta dos estudantes foi sob a forma de vaias. A cavalaria foi chamada, invadiu o Teatro e expulsou os jovens de forma violenta, inclusive com ocorrência de feridos. No dia seguinte, houve outro confronto, entre os acadêmicos (dos quais um alagoano) e um policial que vinha no bonde, no Terreiro de Jesus, com troca de tiros, e novamente foi chamada a cavalaria. Quiseram os policiais invadir a Faculdade, e os catedráticos, entre eles, além do Professor Diniz, o Professor Joaquim Martagão Gesteira, de Pediatria, não permitiram. Chamou-me atenção um fato, até então desconhecido de todos os estudantes: os Professores Catedráticos da época, por força de lei, tinham honras de Tenente-Coronel; a hierarquia militar permitiu que os ânimos se acalmassem; e a Faculdade foi garantida por tropas do Exército, cujos comandantes eram dois alunos, colegas de turma.

Malgrado esse fato, no mês de agosto de 1932, em manifestação que houve na Faculdade a favor dos paulistas que lutavam por uma Constituição para o País, a qual o gaúcho Presidente da República içado ao poder pela revolução que depusera os governantes da chamada República Velha, ditos carcomidos, protelava indefinidamente, o cearense Interventor Federal ordenou a invasão da Escola por tropas policiais militares e a prisão de professores e alunos que ali se encontravam, os quais foram levados para a

penitenciária do Engenho da Conceição. Isto gerou intensa indignação de todos dos Corpos Docente e Discente e uma grita da sociedade baiana, e chegou o Professor Prado Valadares a ir a Palácio e dialogar asperamente com o oficial do Exército que, então, governava o Estado.

O Professor Eduardo Diniz usava uma qualificação para os alunos, que chamava de “fé de ofício”; no término de cada aula, convocava alguns discípulos para argüir e anotava seus desempenhos. Se, porventura, durante o exame final, algum deles não correspondesse bem, ele ia buscar sua “fé de ofício”, uma espécie de crédito, capaz de aprová-lo ou não.

Na Química, o preceptor era o Professor Antonio Ferrão de Amaral Muniz; elegante, também Senador Estadual, rico, usava um bonito relógio de algibeira, impressionava pela aparência e intimidava os alunos recém-chegados na Faculdade. O Professor Amaral Muniz tinha dificuldades sérias na articulação das palavras e não se distinguia pelo conhecimento da matéria; diziam até que a primeira aula, todos os anos, era igual e recitada na sua disartria: “Da Alquimia misteriosa, quase perdida na névoa dos tempos, veio a Química moderna, ciência de vôos rápidos ...”.

Havia, ainda, o Professor Euvaldo Diniz Gonçalves, vindo dos Estados Unidos, onde se especializara também na Química, que era de uma exigência sem par.

O Professor Sabino Silva, da cadeira de Fisiologia, que mais tarde seria mestre de Clínica Médica, era de uma exatidão matemática, com aulas rigorosamente de cinquenta minutos, e explicava-nos todos os problemas da matéria com uma admirável competência sobre a sua complexidade. Era justo com seus alunos e, desde que estudássemos, nada parecia difícil. Exigia que conhecêssemos a célebre Fisiologia de Gley, e para aqueles que tinham condições, havia a Fisiologia de Luciani, em quatro volumes, toda em italiano. Durante os exames, como a turma era grande, o Professor Sabino dividia-a em dois grupos, realizando a prova no Anfiteatro Prof. Alfredo Britto, contando com a ajuda do bedel. Certa vez, tendo concluído minha prova, conversava do lado de fora com os colegas, aguardando o segundo grupo terminar, quando surgiu

Carlos Teixeira de Amorim, bom aluno, que parecia alucinado; contou-nos que pulara pela janela do segundo andar, por sorte em cima de um monte de terra do jardim, que estava sendo renovado, com a prova na mão. Conseguimos colocá-lo no Laboratório, fui à Biblioteca e tomei emprestada a Fisiologia de Luciani. Mal e mal traduzi as respostas da prova e, a custa de dois mil réis para o bedel, a prova foi colocada junto às demais.

Ficamos todos ansiosos para verificar a nota do Carlos. Havia um hábito dos professores, de informar, aos alunos que passavam as férias fora da Bahia, suas notas, para que pudessem comprar ou não as suas passagens. Pedi ao professor para ver a minha nota e folhee até encontrar a do meu amigo, onde havia anotada uma delícia: “Esta prova parece uma tradução mal feita e às pressas do Luciani, mas, como fiscalizei, não vale a suspeita do julgamento – nota nove”. Até o Professor Sabino Silva, rigoroso como era, foi enganado por essa equipe de estudantes.

É importante fazer o registro da grande utilidade da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia, então dirigida por um jovem médico, que se formara em 1931, Doutor Afrânio Coutinho. Diziam que, por haver feito um belo discurso de formatura, já em 1932 fora nomeado Diretor da Biblioteca. Tempos depois, Afrânio Coutinho veio a tornar-se grande bibliófilo, reconhecido crítico literário, professor titular de Literatura no Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras. Naquela fase, sua compreensão já permitia que todos os estudantes tivessem acesso aos livros, então, como hoje, muito caros e difíceis de conseguir, porquanto importados. Também os bedéis ajudavam bastante, abrindo as portas dos laboratórios e permitindo aos acadêmicos praticar e realizar experiências, que de outra forma não conseguiríamos. Tivemos um mestre rigoroso chamado Professor Antônio Bezerra Rodrigues Lopes, Catedrático de Farmacologia; era um encanto de expositor e suas aulas excelentes. Havia, na época, dois tipos de professores: os ricos, que possuíam automóvel, e os pobres, que andavam de bonde. O Professor Bezerra Lopes fazia, todos os dias, a circular de bonde e descia na estação perto da Faculdade. Havia neste local umas

“vendeuses”, como se chamavam naquele tempo as vendedoras de vários artigos; eram moças inteligentes e agradáveis, e com uma delas o Catedrático exigente sempre apreciava conversar. Um colega, que estava em dificuldades no aprendizado da disciplina e com receio de enfrentar a prova oral de Farmacologia, descobriu essa amizade e aproximou-se da moça, pedindo sua recomendação, o que foi feito. No exame, como de esperar, o aluno não se saiu bem, mas o mestre aliviou o peso da sua avaliação e, então, disse-lhe: “o senhor está aprovado, mas não abuse das fraquezas alheias”.

Na memória ficou o Professor Inácio de Menezes; diziam que ele era mais naturalista e anatomista que cirurgião, embora a cadeira que lecionava fosse de Cirurgia, que ensinava bem e era rigoroso em Técnica Operatória e Cirurgia Experimental. Culturalmente era um gênio, conhecido como “um poço de sabedoria”, com livros publicados; mestre na teoria, diziam os estudantes que, no campo cirúrgico, não apresentava as mesmas qualidades.

Nos jardins da Faculdade havia um cidadão, venerando, Professor Domingos Cerqueira Lima, que tinha sido Assistente, estava aposentado, e apresentava uma esclerose adiantada. Ficava reclamando que o Professor Inácio não lhe dava mais trabalhos para fazer e exibia um bonito relógio que lhe tinha sido ofertado por ele, em seu aniversário, quando lhe chamara de “ilustre mestre”. Era uma figura folclórica, encanto dos estudantes e tratado com muito respeito e atenção pelos professores e dizia realizar pesquisas com as flores do jardim, pintando-as em cores diversas. O mestre de Anatomia e Técnica Cirúrgica, apesar de exigente com os alunos, era capaz de ser atencioso e dedicado ao antigo colega.

No terceiro ano, havia o fascínio das aulas do Professor Aristides Novis, grande nome como Diretor da Faculdade, logo depois catedrático de Fisiologia, orador brilhantíssimo, que chegava a ser aplaudido pelos alunos; era verdadeiro bálsamo nas dificuldades das outras matérias, principalmente porque na Cadeira de Histologia, o Professor Mário Andréa era rigoroso e reprovava a quem vacilasse. O seu descendente mais velho, Aristides Novis Filho, diplomado em 1931, foi

se aperfeiçoar em Cirurgia no serviço do Professor Caio Otávio Ferreira de Moura, que não cheguei a conhecer, entretanto, o brilho de Novis Filho atestava os méritos do Professor Caio Moura. O Professor Aristides Novis trouxe para a Faculdade o Doutor José Silveira, fisiólogo de formação internacional, respeitável pelo seu brilhantismo, para dar aulas sobre aspectos radiológicos do organismo humano, naquela época grande novidade. Ele despontou na Escola, foi integrado à equipe do Professor Antônio do Prado Valadares, catedrático de Clínica Propedêutica Médica, tornou-se figura notável da Medicina Baiana, especialmente na área da tuberculose, e depois catedrático de Clínica Tisiológica. O Professor José Silveira construiu, depois, o Instituto Brasileiro de Investigação do Tórax – IBIT, uma obra médico-social de alta expressão na assistência aos doentes dessa “Peste Branca”, que até então constituía-se em problema grave de saúde pública, e ainda existente, tanto na Bahia, quanto no resto do Brasil.

Interessado pela matéria, no terceiro ano médico fiz um curso extra-curricular de especialização em Radiologia, quando me tornei amigo pessoal de Silveira. Esse curso permitiu-me trabalhar, quando retornei a Maceió, como radiologista da Saúde Pública Estadual. Além deste, fiz, também, especialização em Cirurgia, com o Professor Eduardo de Sá Oliveira, que, depois tornou-se catedrático na Faculdade do Terreiro de Jesus.

Havia política, no bom sentido, na velha Escola. O Professor Augusto do Couto Maia, da disciplina de Microbiologia, não era catedrático e sim substituto, mas tinha extraordinário prestígio. Presidia os vestibulares e falava-se que ele anotava os primeiros estudantes colocados e acompanhava seu desempenho nos anos seguintes; se eles mantinham a regularidade nos estudos e continuavam a se destacar, ele os convidava para serem internos do Hospital de Isolamento, que atualmente tem o seu nome, próximo da Igreja do Bonfim. Os acadêmicos internos, na sua maioria pobres, ali recebiam casa, comida e uma boa mensalidade. Eram a nata dos alunos da Faculdade. Mais tarde, alguns deles tornaram-se docentes, como o alagoano Estácio de Lima. Politicamente, o Professor

Couto Maia era muito forte e dominava as decisões do colegiado, pois tinha sempre quatro ou cinco professores, oriundos do Hospital de Isolamento, que lhe deviam atenção.

Em 1932, já declarado o Movimento Revolucionário Constitucionalista de São Paulo, o Professor Augusto César Viana, que foi, por cerca de vinte anos, Diretor da Faculdade, homem bom e sério, desagradou um grupo de estudantes, por haver passado um telegrama de solidariedade ao deposto Presidente da República Washington Luís Pereira de Sousa, que estava exilado desde 1930. Surgiu um movimento estudantil querendo elevar o Professor Estácio de Lima ao cargo de Diretor. Não preciso dizer que os alunos alagoanos lideravam o movimento. Os acadêmicos reuniram-se, em grande número, no Anfiteatro Alfredo Britto e resolveram passar um telegrama ao então Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas, pedindo a destituição do Diretor Augusto Viana e a designação do Professor Estácio para o cargo. Foi então que surgiu, para usar da palavra, Wladimir Ramayana de Chevalier, estudante, meio boêmio, mas que contava com a tolerância do Diretor, face seu extraordinário talento oratório. Com suas palavras, mudou totalmente o rumo da assembléia, dominando o pensamento dos colegas e encerrando o assunto; em vez de um telegrama de protesto, foi redigido um de solidariedade. Confirmou, no ano seguinte, como orador da turma, o seu poder verbal, alcançando até apagar o brilho do discurso do paraninfo, o Professor Aristides Novis, por muitos considerado o maior orador da Bahia, que era também pai de um formando. Ramayana de Chevalier começou lendo seu discurso, depois resolveu rasgá-lo e terminou de improviso as suas palavras, sob grandes aplausos. Nunca mais soube maiores notícias do colega Wladimir; ouvi dizer que ele tornara-se conhecido médico em Manaus, e chegara a Secretário de Saúde do Amazonas, mas não pude confirmar.

Encontrei na Faculdade alguns companheiros de estudos que não eram mais tão jovens; homens respeitáveis, como Gabriel Viana, irmão do Governador do Estado e com boa situação financeira, matriculado juntamente com o filho. Questionado porque se encontrava ali, respondia que era para ajudar ao filho,

que não gostava muito de estudar. Infelizmente, ele estudava menos do que o filho. Outro era o Dr. Honorato Pereira Maltez, irmão do Professor Aristides Pereira Maltez, de família de médicos, que resolveu também estudar Medicina, apesar de ser magistrado. Andava de colete, com seu relógio, muito elegante e era cumprimentado pelos professores com o maior respeito, mas gostava mais do seu Direito do que da Medicina e tive que ajudá-lo nas provas, senão não teria se formado.

Tivemos também um colega, Arnaldo Silveira, que era cirurgião-dentista, chegou à professor e Diretor da Faculdade de Odontologia da Bahia, foi famoso advogado e político importante, mas sentava-se junto conosco nas bancas, assistia às aulas e submetia-se aos exames. Era um seu aspecto sociológico interessante de se observar.

Como fiz vestibular com quinze anos, não tive oportunidade de obter a carteira de reservista, no período do curso secundário. Aconteceu que o Tiro de Guerra da Faculdade de Medicina da Bahia, onde me inscrevi, não funcionou, por motivos de ordem do Quartel General, relacionada com a Revolução de Trinta. Em seguida, veio a Revolução de São Paulo e tudo ficou mais difícil. No término da revolução paulista, junto com outros colegas, fui ao Comandante da Região pleitear um decreto, semelhante ao que já havia, anteriormente, beneficiando alguns estudantes. Telegrafamos ao Ministro da Guerra, General Góes Monteiro, alagoano e figura importante na vida política brasileira, e o decreto veio, concedendo aos estudantes do nosso Tiro de Guerra a situação de reservistas do Exército Brasileiro. Mas os soldados são muito cuidadosos e foi-nos exigido ter pelo menos um exercício de tiro, para obter aquela carteira militar.

Matriculei-me, então, de novo, como Atirador. Às cinco horas da manhã, saía da pensão até o Quartel do Barbalho, para fazer os exercícios, voltar para trocar de roupa e ir para o hospital; paralelamente, os dois sargentos que me instruíam eram meus colegas e também passavam dificuldades, com as exigências dos professores. Propus-lhes um acordo – eles me ajudavam nos exercícios e eu lhes retribuía o gesto, no hospital. Reduziram para apenas um dia semanal meu

comparecimento ao Quartel e tudo começou a se enquadrar. No dia do exercício de tiro, dei os cinco disparos de fuzil exigidos pela lei e, segundo eles, acertei todos. Da minha parte, ajudei-os a colarem grau.

Havia na Faculdade de Medicina da Bahia uma associação de alunos, chamada Sociedade Acadêmica Alfredo Britto, assim denominada em homenagem a um ex-Diretor daquela Escola, o Professor Alfredo Thomé de Britto, mestre eminente, que reconstruía o prédio do Terreiro de Jesus depois do incêndio que o destruiu em 1905, cuja memória era venerada pelos estudantes e professores. A associação funcionava numa sala mobiliada, por uma doação do Comendador Bernardo Martins Catharino, revestida de mármore, na sede da Faculdade. Na via lateral da Escola, antigamente chamada Rua das Portas do Carmo, há uma lápide de mármore, para a qual o Professor Prado Valadares redigiu os seguintes dizeres: “Viandante, a Sociedade Acadêmica Alfredo Britto torna público que esta rua tem o nome do seu ínclito patrono”. Acredito que esta inscrição ainda lá se encontre gravada na pedra. Fui eleito Secretário Geral dessa associação e buscamos ir além dos limites da cidade de Salvador.

Para tanto, em outubro de 1934, organizamos um Congresso de Sexologia, que revolucionou a sociedade baiana. O Arcebispo Metropolitano interferiu, foi ao Governador do Estado pedir a proibição do evento. Não conseguiu seu intento, mas obteve que a Rádio Difusora da Bahia não retransmitisse as conferências. A Faculdade de Medicina da Bahia cedeu-nos o Salão Nobre. Presidíamos as reuniões o colega Elísio Simões, eu e outro companheiro. Foram chamados os quatro maiores oradores da Bahia, na época: Professor Estácio de Lima, que falou sobre “A Inversão Sexual Feminina”; Professor Aristides Novis, sobre “A Psicofisiologia do Pudor”; Professor Luís Pinto de Carvalho, sobre “Adão e Eva”; e Professor Almir Cardoso de Oliveira, sobre “Os Problemas Sexológicos Femininos”. O Salão Nobre da Faculdade do Terreiro de Jesus foi inteiramente ocupado por estudantes e visitantes, ansiosos para conhecer os aspectos algo revolucionários dos trabalhos. Foi um sucesso no meio cultural da cidade, embora os jornais

tivessem dificuldades para falar sobre os temas expostos. Era um grito de independência da classe estudantil. Tínhamos a intenção de publicar tudo, sob forma de livro. Escrevi para o baiano Professor Júlio Afrânio Peixoto, e para o alagoano Professor Artur Ramos de Araújo Pereira, ambos catedráticos no Rio de Janeiro, mas infelizmente, terminei o curso, regressei a Maceió e eles não conseguiram publicar o material, que seria obra da mais alta expressão, pela valia dos trabalhos dos professores. Pouco mais tarde, foi publicado, sob a égide de Afrânio Peixoto, o pioneiro livro de Estácio de Lima sobre o homossexualismo feminino.

Naquela ocasião, as comunicações eram difíceis, todavia, assim mesmo, conseguimos trazer da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o Professor Annes Dias, o Professor Cardoso Fontes e o Professor Martinho da Rocha, para fazerem importantes conferências que mobilizaram a vida estudantil da capital baiana. Tive, porém, junto com a alegria de receber os professores, que chegaram num navio italiano, em um final de mês, a decepção de não ter podido comprar, porque não restava mais dinheiro da mesada, o exemplar do jornal A TARDE, de Salvador, no qual, na primeira página, estava minha foto com os professores, que seria valiosa para a documentação daquela fase histórica da Sociedade Acadêmica Alfredo Britto.

O Professor Annes Dias compareceu ao Ambulatório do Canela, pertencente à Faculdade de Medicina da Bahia e onde hoje está a Reitoria da Universidade Federal da Bahia, então recentemente inaugurado, que era um progresso real na oferta de instrumento de ensino e trabalho clínico. Já se cogitava a construção de um hospital de clínicas, o que não existia até então, sendo todo o nosso estudo realizado no Hospital Santa Izabel, da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, no bairro de Nazaré, que prestava importantes serviços às atividades da prática médica.

Havia, ainda, a Sociedade dos Internos do Hospital Santa Izabel, que realizava suas reuniões nas manhãs dos domingos e, vale registrar, a frequência era boa, embora os banhos de mar fossem sedutores, nas praias de Salvador.

Particpei ativamente dessas instituições, inclusive apresentando contribuições científicas. Publiquei na Revista Médica da Bahia, em novembro de 1934, comunicação à Sociedade Alfredo Britto. Nesse mesmo ano, particpei de concurso com o trabalho intitulado “Da Cloremia em Cirurgia”, e conquistei o Prêmio de Cirurgia, galardão este ofertado pelo Professor Edgar Rego Santos, que, posteriormente fez brilhante carreira como Diretor da Faculdade de Medicina, fundador e primeiro Reitor da Universidade da Bahia.

Mas a vida escolar não transcorria sempre tranqüila; o Interventor Federal da época, por motivos políticos que não chegaram ao nosso conhecimento, resolveu mandar prender o Professor Leôncio Pinto, considerado sábio da Anatomia Patológica brasileira e internacional. O mestre, que era um homem difícil no trato, rigoroso e respeitado, foi preso na porta da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, colocado na viatura da polícia e levado até a porta da Confeitaria Chile, ponto de encontro da sociedade de Salvador, e lá ficou, por um bom tempo, para que o povo o visse. Foi um grave incidente, que provocou a reação da Congregação e dos professores e a total indignação do mestre humilhado.

No quarto ano, começamos a estudar com o Professor Leôncio Pinto. Nas aulas, de forma veemente, criticava a política, e nós estudantes o estimulávamos, batendo palmas, ele se entusiasmava, e de Anatomia Patológica pouco víamos ou aprendíamos. Para nossa surpresa, quando pensávamos estar todos aprovados, pela empolgação do professor e o pouco que tinha sido lecionado, as provas foram rigorosamente aplicadas dentro do programa e, em conclusão, as notas foram péssimas. Nós não aprendêramos Anatomia Patológica para corresponder às exigências. Em consequência, a reprovação chegava a ameaçar até a obtenção do diploma. Reunimo-nos, todos, pedimos a intervenção do Professor Cesário de Andrade, de Oftalmologia, e fomos ao Diretor da Faculdade, Professor José de Aguiar Costa Pinto; após longas e difíceis conversas, o episódio foi esclarecido, conseguimos sensibilizar o mestre e contornar a situação. A raiva, a desfeita, a

humilhação sofrida por um ato puramente político contra um cidadão respeitável, culminara naquela situação que levava a quase reprovação de uma turma. Naquela época, os estudantes possuíam força bastante para lutar por seus direitos legítimos, exigi-los e defendê-los de forma firme, porém sensata, diferentemente dos dias atuais.

No quinto ano, ensinava Terapêutica Clínica o Professor Fernando José de São Paulo, baixinho, excelente didata, rigoroso. Com ele, os alunos aprendiam a formular, integralmente, as prescrições, diferente de hoje, com o progresso dos laboratórios. Para saber Terapêutica precisava-se conhecer Patologia e Farmacologia. O mestre ocupava-se com alta competência na análise dos problemas sociais dos enfermos, solicitando os exames e fazendo prescrições diferentes para doentes ricos e doentes pobres. No exame da disciplina, se a receita fosse correta, mas o paciente, pobre, não possuísse condições de adquirí-la, o aluno receberia zero e o comentário –“você não medicou, criou uma situação mais grave”. Era uma matéria extremamente difícil, que reprovava muitos alunos, já quase formados. As provas para os repetentes eram realizadas nas vésperas das solenidades de formatura, determinando uma situação desagradável para todos. Em nossa turma, por exemplo, aconteceu que o colega escolhido para orador da cerimônia de formatura, foi reprovado em Terapêutica Clínica e não pode participar da solenidade. Pedimos, então, o apoio do paraninfo, Professor Martagão Gesteira, para interceder junto ao Professor Fernando São Paulo, no sentido de antecipar os exames finais, a fim de que houvesse tempo para que os alunos porventura reprovados desistissem das obrigações da festa de formatura.

Recebidos em audiência, amavelmente fomos atendidos e, durante a conversa, um colega resolveu manifestar sua preocupação pela possibilidade de receber um resultado negativo. E o Mestre Fernando São Paulo, simplesmente, declarou: “Doutor, se é temor, aconselho-o a estudar, se é uma ameaça, não tomo conhecimento!”

As aulas do Professor Antônio do Prado Valadares, catedrático de Clínica Propedêutica Médica, eram um

desafio à atenção e ao desejo de aprender. Anunciava com insistência inovações, provocando grandes dificuldades para todos os alunos. Certo dia, após um exórdio de difícil compreensão, aquele mestre anunciava aula especial, para apresentar sua descoberta científica: o “later index Prado Valadares”, devidamente registrado por ele. Depois das explicações preliminares, verificamos que era apenas o distintivo que se apõe nas chapas de radiografia, para indicar o lado direito e o esquerdo.

Indignado com um incidente que tivera com o Governador da época, na oportunidade do movimento estudantil de agosto de 1932, o Professor Valadares demorava-se nas retaliações contra o poder público, esquecendo, às vezes, as aulas. Entretanto, em contraposição, o seu Serviço Clínico era respeitado pela participação magnífica dos Doutores Adriano Pondé, Claudelino Sepúlveda e José Silveira, que, não exercendo a cátedra, efetivamente, na qualidade de Assistentes, revelavam-se de mais alta valia e interesse para os alunos.

Não posso deixar de destacar, pela sua alta relevância, o grande e bondoso clínico Professor José Olímpio da Silva, que, entre as suas contribuições pessoais para a Faculdade, esmerou-se na formação do grande profissional e docente Professor Cícero Adolfo da Silva, seu filho, que se revelou figura exponencial da Medicina Brasileira.

O ensino da Cirurgia, seguindo os passos dos famosos Professores Antônio Pacheco Mendes e Caio Moura, desenvolveu-se nas cátedras dos Professores Fernando Luz, Antonio Bastos de Freitas Borja, Edgar Rego Santos e Eduardo de Sá Oliveira, mais jovem, que antes de ser catedrático, dava cursos de especialização em Cirurgia, um dos quais tive a oportunidade de frequentar.

A Enfermaria São José, do Hospital Santa Izabel, abrigava a Cátedra de Clínica Cirúrgica do Professor Fernando Luz; da mesma forma, a cadeira dispunha também de acomodações no recém-criado, em 1932, Ambulatório do Canela. Era um modelo de disciplina e de ordem, quase militar; além da ação respeitada do titular, registravam-se um suave cumprimento das regras de trabalho e alta consideração ao estudo e ao ensino. Os internos do Professor Luz deviam conhecer

perfeitamente os instrumentos cirúrgicos, sua denominação e finalidade. No Hospital, havia, ainda, de forma oficiosa, uma destinação de leitos para profissionais que não exerciam a condição de professores. Ficavam os estudantes responsáveis pela internação dos pacientes, recebendo, a título de ajuda, duzentos mil réis mensais.

Entre os Assistentes, o Doutor Oscar Tillemont Fontes era um líder bondoso, que compartilhava o trabalho médico com outros mais jovens, como o brilhante Pedro Ferreira, Mathias Mariani Bitencourt, e Henrique Rios, além dos internos e estagiários. Consegui ingressar, juntamente com os colegas Valdeloír Chagas de Oliveira, Pedro Osório Galvão, Menandro Novais e outros, no serviço do estimado e respeitado Mestre Fernando Luz. O exame dos problemas científicos era permanente, nas visitas diárias que o professor fazia, leito por leito, solicitando do interno as explicações que ele considerava válidas. Não existia, naquela época, a figura do anestesista; o Professor Luz, entretanto, contava com o Doutor Alfredo Rosa Boureau, que exercia aquela atividade na sua clínica privada, no seu serviço particular, como também em todas as cirurgias realizadas na Faculdade de Medicina da Bahia. A habilidade do Doutor Boureau, ao ministrar anestesia geral com maestria, usando o clorofórmio através de máscara, sem tubo endotraqueal nem as aparelhagens e outras condições tecnológicas de hoje, era excepcional.

Alguns alunos preferiam o Professor Tillemont Fontes ao Mestre Fernando Luz; este era mais técnico e erudito, mas o Docente Fontes era muito dedicado e excelente didata. Quando perguntei ao Professor Estácio de Lima qual o melhor Serviço para estagiar, este indicou-me o do Professor Fernando Luz. Mais tarde, diziam os estudantes que aquele Serviço passou a ser visto em dois momentos: “antes do Ib e depois do Ib”. É que os acadêmicos não operavam durante o estágio, até eu ingressar ali. Acontece que, durante as férias em Maceió, eu frequentava a Santa Casa de Misericórdia, acompanhando o Doutor José Carneiro e o Doutor José Carnaúba, que me permitiam auxiliá-los nos exames dos doentes e ajudá-los nas cirurgias. Assim, após as férias, durante uma aula, disse ao

Professor Luz que sabia fazer o procedimento cirúrgico que era o tema daquela lição. Ele perguntou-me onde havia operado, determinou que eu operaria no dia seguinte, e assim o fiz. E o Doutor Tillemont, de quem me tornei amigo, sempre que era convocado a realizar uma cirurgia, chamava-me para assisti-lo, o que era muito bom para mim, mas também foi fonte do ciúmes de alguns colegas.

Honrava-me, ainda, com sua amizade o Professor Edgar Santos, que, coisa difícil naquela época, permitiu-me ter dois leitos para minhas atividades em sua Clínica Cirúrgica.

No começo do quarto ano, o Professor Fernando Luz chamou-me, informando que iria me nomear Interno; fiquei radiante com a oportunidade, porque, além das condições técnicas, havia a compensação financeira, que era de duzentos mil réis. No dia seguinte, novamente convocado para conversar com o professor, fui informado de que a minha nomeação estava certa, porém havia uma solicitação de um colega, em dificuldades financeiras, que esperava a nomeação para terminar o curso. O Professor Luz disse-me que queria me ouvir. Transferi a responsabilidade para o mestre, respondendo que queria o internato para poder me aprimorar na profissão. Respondeu-me que me daria três anos, coisa incomum, mas que dividiria a remuneração com o colega. Passei uma procuração para aquele meu companheiro, que, durante todo o tempo do internato, recebia o dinheiro e dividia comigo, conforme combinado. A decisão foi válida, pois meu discípulo tornou-se médico eminente na Bahia.

Certa vez, também vale registrar, veio a Salvador uma embaixada de doutorandos cariocas, acompanhados de eminente professor, em visita científica. O Professor Fernando Luz deliberou uma “manhã cirúrgica”, na qual aconteceram três cirurgias de demonstração, a serem realizadas, respectivamente, pelo Titular da Cátedra, por um Assistente, Pedro Ferreira, e, para meu orgulho e satisfação, fui um dos designados para operar, na qualidade de Interno. Passei cinco anos trabalhando no serviço do Mestre Fernando Luz e, assim, logo que, formado, retornei para Maceió, pude realizar cirurgias com segurança, o que foi muito importante para minha vida profissional.

Havia uma reclamação entre os alunos de Medicina de que aprendiam a técnica cirúrgica, mas não sabiam fazer cirurgia, pois não se lhes davam oportunidades do exercício manual dos instrumentos, havendo só a formação teórica. Conheci médicos, que concluíram o curso antes de mim, que sabiam a patologia, mas não tinham treinamento prático de cirurgia. Naquele tempo, não havia o instituto da pós-graduação; logo depois, começou a ser esboçado. Entretanto, em linhas gerais, os formandos do meu grupo possuíam bom nível. Por exemplo, tive um colega, Valdeir Chagas de Oliveira, que ocupou a vaga que eu pretendia, pois não tive condições financeiras para deslocar-me e assumi-la, no Estado de São Paulo, e que, em pouco tempo, submeteu-se a concurso, tornou-se brilhante professor na Escola Paulista de Medicina e, depois, ainda prestou notável concurso na Faculdade de Medicina da Bahia. Tive outro colega, Pedro Osório Galvão, extremamente hábil nos trabalhos do internato cirúrgico, que, logo após formado, tornou-se cirurgião do Hospital Santa Izabel.

Comparecia ao serviço do Professor Fernando Luz, sem maiores obrigações funcionais, uma figura altamente expressiva na Medicina baiana, que era o Doutor João Gonçalves Martins, conhecido como Jones Martins. Com a aposentadoria do Professor Pacheco Mendes, de quem ambos foram Assistentes, os dois tornaram-se candidatos à Cátedra de Cirurgia. Segundo dizia o Doutor Jones, depois de preparar sua tese na Europa, embarcara num navio de volta e houve uma greve, o que impedira sua chegada a tempo de fazer a inscrição, e, assim, perdera o concurso, pois o Doutor Luz, sozinho, o fizera e fora aprovado. Ele continuava Assistente da Cátedra, mas não aceitava a chefia do Professor Luz. Usava uma bengala que pesava, segundo o próprio, de três a cinco quilos, dizendo que era para manter o tônus muscular. Não acreditava no Iodo, dizendo que só valia pelo álcool que continha. Gozava de regalia concedida pelo catedrático, comparecia, atendia alguns doentes, sem maiores responsabilidades. Não tendo boa condição financeira, fazia algumas excursões, operando em diversas cidades, inclusive em Maceió. De média estatura, aspecto atlético, tinha boa aparência, apesar de estar com mais de sessenta anos.

Com o falecimento do Professor Caio Moura, primeiro catedrático de Urologia da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, houve uma espécie de abalo no movimento cirúrgico da especialidade na Bahia. Todavia, seu substituto, Doutor Antonio Artur Pereira França, vulgo “Francinha”, embora sem a altitude intelectual do antecessor, fazia o possível para atender bem os estudantes.

Tivemos um docente interessante, Professor Otávio Torres, de Patologia Geral, com muitos trabalhos publicados, que era paradoxalmente encantador e algo simplório. Com um discreto problema de disartria, tinha alguma dificuldade para expor e não despertava maior atenção dos alunos. Altamente conceituado, representava a cultura básica do corpo docente dos primeiros anos letivos. Repetia, com compreensível vaidade, as projeções de um documentário que registrava sua permanência nos Estados Unidos, onde fizera aperfeiçoamento. Em determinado dia, projetando o tal filme da decantada estadia, exclamou: “este ali sou eu, que aqui está”. Os estudantes riram, o professor insultou-se, suspendeu a aula e modificou seu comportamento com relação à turma, tornando-se extremamente rigoroso e exigente. Entendemos que as aprovações seriam cada vez mais difíceis.

Após muitas reuniões, para resolver o impasse criado entre nós e o mestre, alguém teve uma brilhante idéia. O Professor Torres era dedicado dirigente de uma instituição de obra social que amparava os Filhos Sadios dos Lázaros. Pedimos, então, sua licença para uma visita ao dispensário; a data foi marcada pelo agradecido docente. Levando biscoitos e bolachas, que adquirimos após cota geral, fomos em um bonde conseguido na Companhia Linha Circular de Carris da Bahia. O mestre emocionou-se com a iniciativa, recebeu-nos amavelmente, ouviu um belíssimo discurso de um colega, que já não era jovem, Felipe Néri do Espírito Santo. O êxito foi total; o professor modificou seu comportamento para com a turma e a aprovação foi tranqüila. Devo lembrar que os irmãos Torres, de uma tradicional família de intelectuais, eram famosos no meio estudantil da Bahia.

A Clínica Obstétrica, desde 1912, era ministrada na Maternidade Climério de Oliveira, sediada perto

do Hospital Santa Izabel, e, dada as responsabilidades nas enfermarias cirúrgicas e os horários das aulas, a sua freqüência regular tornava-se-me difícil. O seu Diretor era o Catedrático Professor Almir de Oliveira, considerado um dos maiores oradores da Bahia, de forma que suas aulas eram brilhantes e muito concorridas. É preciso dizer das dificuldades que eu tinha, sendo interno de Clínica Cirúrgica, para ir às aulas de Obstetrícia, mas esforçava-me para conciliar, da melhor forma possível, a presença nas duas disciplinas.

Igualmente, vale a pena lembrar a existência do Serviço Médico-Legal do Estado da Bahia no Instituto Nina Rodrigues, da cátedra de Medicina Legal, com entrada externa independente pela Rua Alfredo Brito e passagem interna para a Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus. Essa determinante física permitia aos alunos acompanharem os trabalhos do Professor Estácio de Lima e seus Assistentes. O Mestre Estácio associava o brilho inegável da grande cultura à sua figura humana excepcional, elegante e cavalheiresca. Como alagoano, foi uma espécie de nume tutelar dos patricios, e como professor e cidadão, foi inexcusável na bondade e na magnanimidade de coração. Durante decênios, Estácio de Lima, mundialmente bem relacionado e respeitado pela sua contribuição extraordinária, foi influência na Medicina Legal da Bahia e do País.

Registre-se também que a Cadeira de Medicina Legal tinha Assistentes de alto nível, como Artur Ramos e Álvaro Dórea, que, ao mesmo tempo, realizavam atividades profissionais e docentes, e mais tarde tornaram-se catedráticos no Rio de Janeiro.

Sempre que possível, eu ia assistir, sem obrigações maiores, os trabalhos e os exames médico-legais, adquirindo conhecimentos valiosos nessa área. Os estudantes daquela época, graças a essas facilidades, lucravam muito com o acréscimo dessa prática médica na sua formação profissional. Assisti, por exemplo, a autópsia do Governador Antenor Navarro, da Paraíba, que sofrera um acidente aéreo, juntamente com o Ministro José Américo de Almeida, quando o hidroavião em que viajavam tentou pousar nas águas do Porto dos Tainheiros, na Ribeira de Itapagipe.

Não foi sem razão, que, naquele período, múltiplas teses sobre assuntos médico-legais foram defendidas, revelando nomes importantes, como José Lages Filho, Ademar Vasconcelos, José Pimentel de Amorim e Waldemar da Graça Leite, que honraram a docência na Bahia e em Alagoas.

Esta condição permitiu-me que, recém-formado, em 1936, na minha cidade de Maceió, fosse, provisoriamente, designado para exercer o cargo de médico legista no Serviço Médico-Legal do Estado de Alagoas, atualmente Instituto Estácio de Lima, no impedimento do titular efetivo, o Doutor José Lages Filho. Pude, então, com segurança, efetuar perícias e elaborar pareceres, quando necessários, no interesse da Justiça.

Na cadeira de Pediatria, conheci a personalidade do Professor Martagão Gesteira; ele possuía deficiência auditiva, que compensava com instrumento mecânico, e ministrava-nos excelentes aulas.

No período entre 1933-1934, o Governador do Estado Juraci Montenegro Magalhães recebeu a visita do Presidente da República Getúlio Vargas, que ficou admirado com a obra no âmbito pediátrico realizada na Bahia. Quando o Presidente Vargas criou o Departamento Nacional da Criança, transferiu o Professor Gesteira para a sua Diretoria, dando-lhe todas as vantagens. A minha turma elevou-o ao paraninfado. Pessoalmente, mais tarde, graças à amizade com o eminente mestre, pude trazê-lo a Alagoas, para beneficiar a assistência às crianças do Estado, quando autorizou verba para construção de Centro Maternal, com cerca de dez andares, o que representaria obra da mais alta expressão nessa área. Infelizmente, dificuldades locais impediram a conclusão da obra e aconteceu, de forma lamentável, a demolição do que já havia sido levantado.

Havia, no corpo docente da Faculdade, um homem encantador, o fidalgo Professor Eduardo Rodrigues de Moraes, de vivência internacional, altamente qualificado na área da sua Cátedra de Clínica Otorrinolaringológica, que se destacava tanto na docência quanto nas atividades de clínica particular. Os alunos do Professor Eduardo de Moraes procedentes das Alagoas se destacaram como grandes

profissionais e mestres na especialidade, como a Professora Lily Lages e o Doutor Durval Cortez.

A Cátedra de Clínica Oftalmológica era prestigiada pela presença do Professor Cesário de Andrade, que exercia também suas atividades no Ministério da Educação, presidindo o Conselho Federal de Educação, no Rio de Janeiro. Seu prestígio e valor eram conhecidos, daí a razão da grande frequência às suas aulas; a clínica das doenças dos olhos e da visão, diferentemente daquela de cirurgia geral, na maioria das vezes, não exigia grandes operações nem longos internamentos.

Tive um colega, Elísio Simões, modesto, inteligente, afeiçoado ao Professor Cesário de Andrade, que conseguiu um feito importante: logo após a formatura, em 1936, instalou seu consultório, luxuoso, na Rua Chile, reduto dos médicos já conceituados na sociedade.

O Professor Mário Carvalho da Silva Leal, da Cadeira de Psiquiatria, altamente inteligente, era muito benévolo com os estudantes. A presença dos alunos em sala de aula não era muito controlada, mas, a qualidade do mestre levava-me às lições. Ele tivera alguns discípulos excepcionais, como Artur Ramos e outros. A Revista Médica da Bahia dedicou ao Professor Mário Leal uma edição exclusiva, na década de 1930, prova incontestada de sua capacidade e importância. Comentava-se que o Professor Leal tinha uma excentricidade: vinha caminhando desde o bairro onde morava, a Barra, até a Faculdade do Terreiro de Jesus, e, em cada esquina, comprava, primeiro um charuto, depois uma caixa de fósforos. Tal como outros mestres – Couto Maia, Eduardo de Moraes e Pinto de Carvalho, por exemplo – Mário Leal participava do grupo que apoiava Estácio de Lima nas lides da política acadêmica.

Contávamos, também, com a presença do Professor João Américo Garcez Fróes, respeitabilíssimo na sua Cátedra de Medicina Tropical, e também na de Medicina Legal, que ministrava na Faculdade Livre de Direito da Bahia, onde depois seria sucedido, através de concurso, pelo Mestre Estácio de Lima.

No grupo de Clínica Médica, a figura mais simpática era, além do Doutor Adriano de Azevedo Pondé, o Professor Armando Sampaio Tavares. Modesto, humilde, era considerado grande clínico e generoso

como mestre. Dividia com o Professor Fernando São Paulo a boa formação dos estudantes, no domínio da prescrição e assistência aos doentes. Competia com o Professor Prado Valadares, em valor e prestígio.

Visitou a Bahia, naquele tempo, o Professor Clementino da Rocha Fraga, baiano e antigo Catedrático da Clínica Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, que fora transferido para o Rio de Janeiro pelo Presidente Vargas, para ocupar cargo semelhante na Universidade do Brasil. Registre-se que o Professor Clementino Fraga disputara a cadeira com o Professor Prado Valadares, saindo vitorioso. A recepção na Escola foi altamente prestigiada pelos docentes, sobressaindo-se a presença do Professor Anísio Circundes de Carvalho, antecessor do Professor Fraga e que proferiu, apesar de sua idade avançada, emocionado pronunciamento.

Paralelamente, tentando formar uma base técnico-científica para ascensão à cátedra, surgiam várias figuras. Entre elas, na área da Cirurgia, familiarizei-me com o Doutor Jorge Valente, de alta respeitabilidade, principalmente na área de Urologia, de que era Docente Livre. Ele tinha seu consultório particular na Rua Chile, que freqüentei, o que foi primordial para, quando formado, pudesse exercer uma boa assistência científica e técnica nesta área. O Professor Jorge Valente terminou Catedrático de Clínica Urológica da Faculdade de Medicina da Bahia e da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, que fundou e dirigiu durante muitos anos.

O Doutor Flaviano Inocêncio da Silva, simpático, amável, transmitia-nos, juntamente com o Catedrático de Dermatologia, Professor Albino Arthur da Silva leitão, a disciplina através de um ensino de qualidade, com prestigiadas aulas sobre doenças da pele.

Muito mais leves nas perspectivas, o Professor Eduardo Lins Ferreira de Araújo, na Cátedra de Microbiologia, e o Professor Aristides Maltez, na de Ginecologia, foram também respeitáveis. O Professor Maltez, que, depois de diplomado na Bahia, havia feito treinamento em hospital dos Estados Unidos da América, era famoso como brilhante cirurgião, criador de novas técnicas na sua especialidade, e fundou a benemérita Liga Bahiana Contra o Câncer.

A Faculdade de Medicina da Bahia recompensou o tirocínio daqueles que ali ingressaram no ano de 1930, no álbum de formatura da turma de 1936, em que figuram cento e setenta e oito (178) diplomados, além de quatro (4), que faleceram enquanto cursavam. Tinham-se matriculado cento e vinte e um (121) alunos da Bahia, quinze (15) do Piauí, sete (7) de Sergipe, seis (6) do Amazonas, seis (6) do Rio Grande do Norte, cinco (5) de Alagoas, cinco (5) do Ceará, quatro (4) de Pernambuco, dois (2) da Paraíba, um (1) de Mato Grosso, um (1) do Rio Grande do Sul, um (1) de São Paulo, um (1) do Maranhão, um (1) de Minas Gerais, um (1) português, e um (1) suíço naturalizado brasileiro. Veio de Lausanne o suíço, Charles Pitex, ali diplomado em Comércio, que chegou a Salvador para trabalhar com o negócio de fumo, aproximou-se do grupo de alagoanos e resolveu estudar Medicina, daí a razão porque, no quadro de formatura, colocou “alagoano”, no local de seu nascimento. Apesar das dificuldades de associar suas atividades de trabalho, na área comercial, com o estudo das ciências médicas, fez um bom curso, tornando-se um dos grandes médicos legistas da Bahia e Assistente do Professor Estácio de Lima.

Assim, minha vida acadêmica na Escola Superior Mater do Brasil, no histórico Terreiro de Jesus, transcorreu durante a década revolucionária de 1930, pois ingressei no curso médico no início do ano da Revolução de Outubro, vi as conseqüências da Revolução Constitucionalista de São Paulo, e fui diplomado pouco antes da decretação do Estado Novo getulista, a Bahia ainda sob um Interventor Federal. Então, muito embora eu tenha tido a oportunidade de seguir para o Sul do País, para maior e melhor aperfeiçoamento, por motivos financeiros tive de começar imediatamente a minha vida profissional no meu torrão alagoano.

Setenta anos já se passaram desde que voltei. Creio que tenho sido útil à minha terra.

Guardo sempre na memória do coração os dias idos e vividos na minha hoje bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia.

Maceió, Alagoas, 28 de dezembro de 2006.